

## BATALHA FINAL

\* Roberto Rodrigues

Lá em Cruz Branca do Meio tinha uma figura que todo mundo conhecia: era um negão alto, fortíssimo, mas lhe faltavam alguns parafusos. De uma bondade infinita, ajudava qualquer pessoa que precisasse de músculos poderosos. Vivia da simpatia meiense, e, não tendo emprego fixo, ficava de prontidão no único armazém da vila. Quando chegavam caminhões com mercadorias, sacos de cereais ou de açúcar, era ele quem descarregava a sacaria e organizava as pilhas nos fundos do armazém. Também era ele que fazia entregas mais pesadas, levando numa carriola que era por si só um desafio aos mais vigorosos muques, algumas dezenas de quilos de mercadorias.

Vesúvio era seu nome; uns dizem que era por causa do tamanho; outros que era devido aos formidáveis flatos que produzia, erupções sulfúricas e ruidosas.

Vesúvio era querido por todos e a todos queria bem: sempre de bom humor, jamais fazia cara feia para qualquer desafio.

Certa vez apareceu no Meio um cirquinho mambembe, destes que correm o interior com um palhaço maltrapilho, um leão banguela ou cego de um olho, tenda rasgada e cordame rustido. E a grande atração do circo era a Mulher Barbada, fortíssima, que desafiava qualquer homem das vilas por onde passava para uma luta livre valendo tudo. E o anúncio no megafone da Kombi velha listava a série de vitórias inquestionáveis da mulher nas cidades todas por onde havia passado nos últimos meses. Sem poder tirar a limpo a informação, os meienses se contentavam em discutir a veracidade ou não da mesma. E, por outro lado, quase ninguém se atrevia a confirmar a lenda, pelo sim e pelo não.

Mas havia também na vila uma dupla de mecânicos pândegos, famosos pelas peças que pregavam.

Certa vez capturaram uma onça numa armadilha e a soltaram sábado à noite, em plena praça pública, de uma cidade vizinha no horário de pico do “footing”, tradicional costume das cidades interioranas.

Ficaram quase 10 anos respondendo a processo por esta absurda façanha!

Pois os dois descobriram qual era a jogada do circo. O gerente mequetrefe acabava arrumando algum sujeito menos letrado onde quer que fosse (e se não achasse, encontrava algum “viajante” oportuno) e o “comprava”: oferecia um dinheiro para apanhar da mulher barbada. Não era lá muita grana, mas não quebrava o circo e dava uma mãozinha para o geralmente pobre contendor. O sujeito ia lá, apanhava pra cachorro, levava seu tutu e a fama da mulher barbada – e do circo – se mantinha intacta e inatacável...

Os dois malandros, a par desta jogada, resolveram virar o jogo. Procuraram o Vesúvio e, pacientemente, o inteiraram de tudo, que ele deveria procurar o gerente do circo, aceitar o que ele oferecesse, que depois combinavam o resto.

Foram a uma cidade maior comprar um par de tênis do raríssimo tamanho do pé vulcânico e mandaram fazer uma capa de chita vermelha, onde foi bordado o nome eruptivo: Vesúvio.

Promoveram a luta eles mesmos, até nos sítios da redondeza, para a noite aprazada.

O circo estava lotado e o gerente exultava com o sucesso em perspectiva. Pensava até em fazer duas noites de espetáculo no Meio.

Mas os mecânicos na hora h, quando levavam Vesúvio para a pracinha dos arredores do Meio, fizeram a fofoca definitiva.

- “Negão, a tal barbada disse que vai acabar com você, que você não tem nem a metade da força dela, que vai te arrebentar no meio, que você não passa de um maricas”... e coisas assim. Irritaram o Vesúvio, que entrou no ringue completamente cego.

Quase matou a pobre mulher barbada.

De madrugada o circo tinha ido embora.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**